



TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação Superior Norte – RS
Departamento de Ciências da Comunicação
Curso de Comunicação Social – Jornalismo
27 de junho a 08 de julho de 2011**

Uso dos Gêneros Textuais Jornalísticos nas Escolas de Ensino Médio de Frederico Westphalen

Daniela Cristina Peiter Tondolo

Artigo científico apresentado ao Curso de Comunicação Social – Jornalismo como requisito para aprovação na Disciplina de TCC I, sob orientação do Prof. Elias José Mengarda e avaliação dos seguintes docentes:

Orientador: Prof. Elias José Mengarda
Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Carlos Andre Echenique Dominguez
Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Carla Kader
Colégio Agrícola de Frederico Westphalen - RS

Prof. Luciane Figueiredo Pokulat
Colégio Agrícola de Frederico Westphalen - RS
(Suplente)

Frederico Westphalen, Junho de 2011

Uso dos Gêneros Textuais Jornalísticos nas Escolas de Ensino Médio de Frederico Westphalen¹

Daniela Cristina Peiter Tondolo²

Elias José Mengarda³

RESUMO

Esta pesquisa quantitativa verifica junto aos professores de Ensino Médio, de escolas públicas de Frederico Westphalen/RS, o uso dos gêneros textuais jornalísticos, além dos diferentes veículos de comunicação, utilizados como suporte didático em sala de aula. Com esse levantamento traçamos um perfil qualitativo da amostra quanto à utilização dos textos jornalísticos – difusores de eventos da realidade social – mostrando em que medida estes são utilizados na promoção de conhecimento e reflexão crítica dos alunos. Os resultados mostram que a maioria dos educadores, numa perspectiva contemporânea de educação abrem espaço para gêneros textuais jornalísticos e tecnologias emergentes (*internet*) para melhor preparar os alunos quanto à formação de uma consciência crítica e efetiva participação social.

PALAVRAS-CHAVE: Gêneros Textuais Jornalísticos; Meios de Comunicação; Educação; Conhecimento.

1 INTRODUÇÃO

Na sociedade globalizada do século 21, a comunicação desempenha papel fundamental na vida dos indivíduos. Mais do que a função de levar a informação, as mídias desempenham também o papel de construir conhecimento, promover o debate público e estimular a criticidade. A comunicação de “massa” criticada por muitos autores no fim do século XX, passa a ser entendida como forma de “compreensão do mundo fora do alcance de nossa experiência pessoal” (THOMPSON, 1998, p. 38). Nesse contexto insere-se o jornalismo, o principal responsável dentre os meios de comunicação, por disseminar conteúdos interdisciplinares e trazer ao público “em massa” os eventos sociais. Thompson destaca ainda que, apesar de no mundo globalizado as informações serem difundidas em escala global, são apropriadas de forma local:

A apropriação dos produtos da mídia é sempre um fenômeno localizado, no sentido de que ela sempre envolve indivíduos específicos que estão situados em contextos socio-históricos particulares, e que contam com os recursos que lhes são disponíveis para dar sentido às mensagens da mídia e as incorporar em suas vidas (THOMPSON, 1998, p. 155).

¹ Trabalho de Conclusão de Curso (TCC 1) realizado no 1º semestre de 2011.

² Acadêmica do 7º semestre do curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo da UFSM/Cesnors.

³ Orientador do trabalho. Professor do curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo da UFSM /Cesnors.

Dentre os produtos de mídia, o jornalismo, mais do que qualquer outro formato de produção midiática, tem o caráter de produção de saber, no sentido de que, ao trazer os acontecimentos da realidade a público, contextualiza-os e problematiza-os, fazendo com que os leitores também possam pensar sobre o que está sendo noticiado. Assim, pode-se afirmar que, tal qual a educação, o jornalismo é construtor de ideias e formador de opiniões. No entanto, a escola e o jornalismo são instituições sociais diferentes, e utilizam formas divergentes de linguagem para levar ao seu público as informações. Portanto, escola e jornalismo produzem gêneros textuais diferenciados, cada qual voltado para um público específico, com determinada finalidade e através de uma linguagem específica. Nesse sentido, é importante entender que há algumas décadas, passaram a ser realizados no Brasil estudos no campo linguístico a respeito dos gêneros textuais. Ao longo desses anos, tem se firmado a concepção de gêneros textuais como formas “relativamente estáveis” (BAKHTIN, 1997, P. 106). Lia Seixas, que estudou a fundo os gêneros textuais jornalísticos, traz com clareza essa definição:

A noção de gênero como tipo relativamente estável considera que, às situações de interação verbal típicas, corresponderiam unidades discursivas típicas. Dentro de uma dada esfera social e por um determinado período, as dimensões extralingüísticas – finalidades discursivas, as concepções de emissor (autor) e receptor (destinatário), papéis, responsabilidades – se estabilizam (SEIXAS, 2009, p. 34).

Mas, se escola e jornalismo são instituições sociais diferentes e trabalham com gêneros textuais diferenciados, qual é a relação existente entre elas? Entende-se que, assim como a escola, o jornalismo é responsável pela difusão de conhecimentos e promoção de debates públicos, o que certifica a importância do jornalismo como entidade social. A partir deste pressuposto, pretendemos verificar, nesta pesquisa, em que medida os gêneros textuais jornalísticos e as mídias a que pertencem estão presentes em sala de aula.

Além disso, é importante considerar nesta pesquisa que no Brasil, atualmente, o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), principal prova de seleção feita pelo Governo Federal para ingresso universitário – tanto público quanto particular – utiliza-se de informações da atualidade (economia, política, geografia, cultura, etc.) na formulação de muitas de suas questões. Em se tratando de gêneros textuais relativamente estáveis, sabe-se que a produção jornalística é a principal responsável pela difusão de informações a respeito dessa natureza: os fatos que acontecem na sociedade e tudo o que nela existe. Como afirma Seixas “a matéria-prima do jornalismo não são apenas fatos, como se tem defendido nas

teorias do jornalismo. Ao invés disso, a matéria-prima é a realidade e, portanto, todos os objetos de realidade” (SEIXAS, 2009, p. 318).

Em 2009, realizaram o ENEM 2,6 milhões de brasileiros, destes, segundo o INEP, 50% dos estudantes concluintes do Ensino Médio que realizaram a prova obtiveram apenas média 5, na soma das quatro áreas do conhecimento. Assim sendo, faz-se necessário verificar em que medida a escola utiliza-se dos gêneros textuais jornalísticos para a produção de conhecimento, tendo em vista a utilização de questões factuais na prova.

Considerando os dados estatísticos e a preocupação com a inserção dos meios de comunicação em sala de aula, o objetivo primeiro, desta pesquisa, foi avaliar em escala municipal, em que medida as escolas de Ensino Médio de Frederico Westphalen utilizam os gêneros textuais jornalísticos (de mídia impressa, rádio, tv, internet) na construção de conhecimento e preparação dos alunos para leitura de mundo. Com esse levantamento de dados foi verificado como os professores das diversas disciplinas conseguem selecionar e trabalhar as diversas pautas veiculadas pela mídia e integrá-las aos conteúdos da grade curricular. A pesquisa permitiu perceber quais dos assuntos veiculados pelo jornalismo são mais explorados em sala de aula, a saber, a importante participação das mídias na produção de conhecimento. Além disso, foi possível detectar quais os gêneros textuais jornalísticos mais utilizados pelos professores e, qual a maneira encontrada por estes para trabalhar com os alunos.

Neste ensaio, não nos detivemos em verificar a recepção das mídias de forma geral, e sim a parte específica que abrange a produção jornalística, uma vez que, entende-se que o jornalismo trabalha mais próximo ao factual, como “uma forma de conhecimento da realidade” (SEIXAS, 2009, p. 5), além de possuir – em qualquer uma das formas de veiculação a saber, impresso, tv, rádio e *internet* – as diversas editoriais, que subdividem as pautas sociais por áreas de conhecimento (política, educação, economia, esporte, opinião, cultura, etc.), assim como a divisão disciplinar das grades curriculares no Brasil (história, geografia, matemática, etc.).

Com essa justificativa, a pesquisa pretendeu verificar se a leitura de textos jornalísticos é levada a efeito nas escolas já que, esse gênero textual faz parte da sociedade, atingindo pessoas de todos os níveis sociais e com qualquer nível de escolaridade. No entanto, sabe-se que os textos trabalhados em sala de aula são específicos dos ambientes de estudo (como artigos científicos, por exemplo, que é um gênero textual acadêmico) e de um modo geral, não existem fora dele. Desse modo, foi também intuito deste trabalho pensar a dicotomia entre textos na escola e textos no jornalismo, ao verificar de que forma os gêneros

jornalísticos são trazidos para a sala de aula, tendo em vista a importância da construção de consciência crítica e capacidade de “leitura de mundo” – enfatizada nas obras de Freire, ainda na década de 80.

Além disso, nos propomos a conferir quais os meios de veiculação mais acessados (tv, rádio, impresso e *internet*), já que, também o meio de veiculação, tratado por Seixas como domínio, diferencia o gênero textual, em virtude das características próprias de cada um:

Só podem existir gêneros jornalísticos se o domínio for determinante para a genericidade de tipos discursivos. As características da mídia devem ser relacionadas às condições de realização da ação comunicativa para que se possa dizer, por exemplo, que a entrevista veiculada no impresso e no site jornalístico da rede é um mesmo gênero da indústria jornalística (SEIXAS, 2009, p. 2).

Levar os conteúdos jornalísticos para dentro da sala de aula é uma necessidade da educação na sociedade midiaticizada. Pensar os gêneros jornalísticos e produzi-los, também. Trabalhar as informações trazidas pelos meios de comunicação deve ser inclusive uma prioridade (sobretudo no ensino médio), já que, a maior prova de seleção universitária no Brasil, o ENEM, utiliza-se destes conteúdos de atualidade exigindo do estudante capacidade de interpretação e conhecimento da realidade.

2 GÊNEROS TEXTUAIS

Estudar gêneros textuais não é algo novo, pelo contrário, teve início ainda com Platão A.C. Mas, segundo Marcuschi (2008, p.147) “está na moda”. No entanto, a classificação de gêneros textuais, num primeiro momento, esteve voltada especificamente para fazer a distinção entre as formas de construção textual literárias, hoje, ao falarmos de estudos sobre gêneros, o leque é bem mais amplo, abrangendo todas as formas possíveis de produção textual linguística, seja escrita, imagética ou oral. Nesse sentido, a primeira certeza ao partir para o estudo de gêneros, é ter a consciência de que a classificação dos gêneros textuais é uma tarefa que não tem fim, como afirma Koch (2007) após citar uma imensa lista de gêneros textuais:

E a lista é numerosa mesmo! Tanto que estudiosos que objetivaram o levantamento e a classificação de gêneros textuais desistiram de fazê-lo, em parte porque os gêneros existem em grande quantidade, em parte porque os gêneros como práticas comunicativas, são dinâmicos e sofrem variações em sua constituição, que, em muitas ocasiões, resultam em outros gêneros, novos gêneros (KOCH, 2007, p.100).

Desse modo, este ensaio não trata de classificar os gêneros textuais, mas sim, entender o seu significado e a sua importância na comunicação humana, no que se refere à produção de

gêneros jornalísticos. Tendo sempre presente a ideia de que os gêneros estão diretamente relacionados a um contexto de produção e/ou a um suporte de transmissão.

Gêneros textuais definem-se como estilos de textos que podem ser agrupados em virtude da função que desempenham, dos objetivos de enunciação e da composição técnica. Assim, os gêneros são agrupados de acordo com o seu padrão “sociocomunicativo”, como afirma Marcuschi (2008, p.155). Alguns exemplos de gênero são: reportagem, carta, piada, cardápio de restaurante, edital de concurso, discurso político, etc. Compreender a existência desses gêneros é essencial, uma vez que eles fazem parte do cotidiano, entremeando as relações humanas, que se estabelecem por meio da linguagem.

Todos, em seu dia-a-dia utilizam-se dos mais diversos gêneros textuais em suas situações de comunicação, e, o interlocutor, ao pré-conhecer o gênero tratado, já pode de antemão fazer uma leitura da mensagem trazida pelo locutor. Por exemplo, se alguém começa a contar uma piada, o interlocutor pode, pelos padrões desse gênero, prever uma intenção do locutor. Esse jogo prévio de leitura acontece a todo o momento, seja com textos mais simples ou com textos mais elaborados.

É importante entender que gêneros textuais, no entanto, não são tipos textuais. Enquanto os gêneros se referem a formas textuais agrupadas de acordo com padrões sociocomunicativos, fazendo parte de uma “listagem aberta”, os tipos textuais são apenas cinco categorias: narração, argumentação, exposição, descrição e injunção (WERLICH, 1973, apud MARCUSCHI, 2008, p. 154). Para Marcuschi (2008, p.154) “O tipo caracteriza-se muito mais como sequências linguísticas (sequências retóricas) do que como textos materializados; a rigor, são modos textuais”. Já os gêneros, estão diretamente relacionados a prática social da língua, e, aos usos, que ao tornarem-se freqüentes em uma comunidade, transformam o texto em uma “receita” pré-elaborada.

2.1 Gêneros textuais jornalísticos

Ao tratar de estudos de gêneros textuais, ainda há muito debate e divergências. No entanto Lia Seixas (2009, p. 29) afirma que “Hoje, um consenso do campo de investigação sobre a noção de gênero é a importância do aspecto ‘social’ na sua construção”, isto é a verificação da situação de produção de determinado texto, assim como a instituição envolvida e elementos que compõe a situação comunicativa. Esse entendimento é o mais aceito no campo da comunicação no Brasil, e foi definido por Bakhtin ao dizer que gêneros são formas relativamente estáveis de enunciados:

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais ou escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso (BAKHTIN, 1981, p. 262-263).

Em se tratando de gêneros jornalísticos especificamente, a relevância de estudar esse aspecto “social” é ainda mais importante. Isso porque entende-se que o jornalismo, enquanto difusor de informações, é também um comércio lucrativo, vinculado a empresas privadas que defendem interesses particulares, além dos interesses de informação da comunidade.

No Brasil, a classificação de gêneros é constantemente modificada, “por não convencerem quanto aos critérios de divisão” como afirma Seixas (2009), isso faz com que, a cada novo estudo científico os gêneros ganhem novos conceitos e divisões. Os dois principais autores brasileiros Luiz Beltrão (1976) e Marques de Melo (1985) classificam os gêneros jornalísticos de forma muito parecida. Luiz Beltrão classifica os gêneros em: Informativo (História de interesse humano, Notícia, Reportagem, Informação pela imagem), Opinativo (Editorial, Artigo, Fotografia e ilustração, Resenha, Crônica, Charge/caricatura, Colaboração do leitor) e Interpretativo (Reportagem em profundidade). Já Marques de Melo divide em: Informativo (Nota, Notícia, Reportagem, Entrevista) e Opinativo (Editorial, Artigo, Resenha, Crônica, Caricatura, Carta, Comentário, Coluna). Em comum, além dos gêneros definidos, são os critérios utilizados para a classificação: finalidade e marcas estilísticas. De acordo com Bazerman (2005), as características dos gêneros textuais “estão relacionadas as funções principais ou atividades realizadas pelo gênero”, desse modo a função do gênero determina as suas características lingüísticas.

Vejamos agora as características dos principais gêneros jornalísticos no Brasil, considerando sempre, que os gêneros são, como disse Koch (2007), numerosos e dinâmicos:

a) Notícia: O texto notícia é um gênero que nasceu no jornalismo, em fins do século XX, quando a sociedade, organizada de forma capitalista, exigia informações que chegassem de forma rápida e prática. Assim, nasce o texto notícia: texto curto, sem espaço para detalhamentos maiores ou abertura para declarações de fontes. O texto de notícia se vale da regra de resposta ao lide, às cinco principais perguntas: O quê? Quando? Onde? Porque?

Como? A notícia é constituída pelos tipos textuais narrativo e descritivo, sendo a sua função trazer informação sobre fatos de relevância social.

b) Reportagem: O texto reportagem é o gênero noticioso que vai além da notícia. É um gênero que possibilita o uso de detalhamentos e colocação de falas das fontes entrevistadas. Ao mesmo tempo que responde as questões do lide, ela ultrapassa essa fronteira, explorando questões mais particulares do assunto abordado, permitindo ao leitor uma interpretação mais profunda. A reportagem se vale dos tipos textuais narrativo, descritivo, injuntivo e, em alguns momentos até mesmo da dissertação.

c) Editorial: O gênero editorial é, no jornalismo, o texto que representa a opinião do veículo em que circula. O texto geralmente discute um assunto em voga no debate público e/ou detêm-se a comentar notícias e reportagens contidas na edição da publicação. O tipo textual predominantemente empregado é a dissertação, podendo se valer, em alguns casos dos demais tipos de composição textual.

d) Crônica: O gênero crônica nasceu na literatura, mas foi muito bem adaptado ao jornalismo por se tratar de um texto opinativo e ao mesmo tempo literário. A finalidade do gênero crônica é fazer uma crítica com uso de uma linguagem poética, valendo-se de elementos do cotidiano para levantar questionamentos e promover discussões.

e) Entrevista: A entrevista é um tipo de texto bem expositivo. Há uma sequência de perguntas e respostas. A função deste gênero textual é verificar o posicionamento de um alguém a respeito de determinado assunto/acontecimento e/ou a respeito da vida desta pessoa (pessoas famosas). Apesar de existir nos meios de comunicação impresso, a entrevista é um gênero discursivo que se adapta melhor a meios audiovisuais.

f) Charge: A charge é outro gênero da literatura adaptado ao jornalismo. A charge é um texto artístico composto por um único quadro, tipologicamente pode ser classificado como dissertativo, pois nada mais é do que uma crítica irônica sobre um fato social merecedor de “notícia”. Em geral, as charges são irônicas e engraçadas, pois a intenção do autor é ridicularizar determinado fato ou valor.

g) Resenha: Pode ser chamado também de artigo de opinião e se aproxima muito da crônica, com a diferença de que não se utiliza – ao menos com tanta frequência – dos artifícios da literatura. É um texto conciso e extremamente argumentativo, sendo então classificado como tipo textual dissertativo. As resenhas são mais utilizadas nos meios de comunicação impressos, sendo que, em geral, o autor dos mesmos é especialista no assunto que desenvolve, o que dá mais credibilidade aos argumentos.

Segundo Marcuschi (s.d)⁴ a existência dos grandes suportes tecnológicos de comunicação “tais como o rádio, a televisão, o jornal, a revista, a *internet*, por terem uma presença marcante e grande centralidade nas atividades comunicativas da realidade social” ajudam na criação e difusão de novos gêneros, novos no sentido de que modificam gêneros já existentes, adaptando-os as novas tecnologias existentes. Desse modo, a comunicação é em grande parte responsável pela concretização social da mutabilidade dos gêneros, sendo os próprios gêneros jornalísticos, mutáveis constantemente, sobretudo em virtude das tecnologias.

2.2 Gêneros textuais na escola

As primeiras décadas da história do ensino da língua portuguesa no país são marcadas pela exploração de textos literários, poesias, contos, crônicas e trechos de romance. A leitura e produção textual, além de pouco exploradas, baseavam-se nas produções literárias, até então entendidas como processos de construção linguística fundamentais. Mas, no final do século XX, a ampliação dos estudos na área da linguística, com destaque para as teorias de Bakhtin (1992) – que conceitua os gêneros textuais como “parte das condições de produção dos discursos, as quais geram usos sociais que as determinam” – faz com que a educação sofra transformações, sobretudo com a publicação na década de 90 dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN’s).

Com a publicação dos PCN’s passam a existir no Brasil novas diretrizes para a educação, não mais baseadas unicamente na leitura e produção de textos formais, como explica Adriana Fischer :

[...] são os discursos em circulação, enunciativamente abordados, e não mais os textos em suas propriedades formais unicamente. Por meio desse objeto de ensino, abrem-se portas para a escola melhor prosseguir na construção de cidadãos capazes de interagir criticamente com os discursos alheios e com os próprios discursos. São os discursos em circulação, que se constituem como exemplares do objeto curricular gênero discursivo, materializado na unidade de ensino – texto –, que passam a funcionar como um mega-instrumento para o ensino/aprendizagem das particularidades e das propriedades linguístico/gramaticais dos gêneros (FISCHER, 2006, p. 539).

Os PCN’s (2000) sugerem o ensino da língua portuguesa (leitura, interpretação e produção textual) no ensino fundamental baseada em quatro grandes ciclos: a) 1º ciclo – de 1ª e 2ª séries; b) 2º ciclo – 3ª e 4ª séries; c) 3º ciclo – 5ª e 6ª séries; d) 4º ciclo – 7ª e 8ª séries.

⁴ Texto preparado para a publicação de um livro que está sendo finalizado sob o título: *"Gêneros Textuais: Constituição e Práticas Sociodiscursivas"* a ser lançado pela Editora Cortez em breve.

Para cada ciclo são sugeridos uma série de gêneros textuais diferenciados tanto para leitura como para produção oral e escrita. No entanto, Marcuschi (2008) registra falhas nesse plano de ensino, observando que os gêneros foram agrupados de forma incompreensível, sem seguir critérios fundamentais como habilidades linguístico-discursivas, tipo textual dominante, suporte de veiculação ou área social de atuação/função.

As atividades de interpretação e produção textual passam a ser o ponto chave no ensino da língua, ficando a gramática no segundo plano, isso de acordo com os PCN's, o que não significa que na prática essas indicações de fato ocorram. Marcuschi (2008, p.211) afirma que há falhas na realização dos Parâmetros no que se refere a metodologia de ensino dos conteúdos propostos, uma vez que “os PCN's propõem conteúdos programáticos mostrando-se inevitavelmente redutores”, já que, ao estabelecer uma programação do estudo dos gêneros, restringe os professores a trabalhar os mesmos conteúdos nas determinadas séries. Além do mais, os gêneros com os quais os alunos tem maior contato no seu dia-a-dia são os que menos recebem destaque no ensino da língua, o que vem a ser uma incoerência didática.

Outra questão essencial é perceber, que, por mais que os livros didáticos atuais sejam construídos levando em conta os PCN's, ainda assim, o estudo dos gêneros falha no momento em que os mesmos são trabalhados em sala de aula sem vínculos com seu contexto de produção e suporte de circulação, elementos fundamentais para o entendimento da realização dos gêneros textuais. Não se pode pensar em gêneros, sem situá-los na realidade em que se insere, pois:

A compreensão dos discursos escritos inseridos nos gêneros se dá por meio de uma situação clara de produção, explícita e, se possível, real ou realista (com relevância). Essa situação real de produção é que viabiliza a sócio-construção da língua, da gramática e da grafia (ortografia) (FISCHER, 2006, p. 539).

Dessa forma, entende-se que o estudo dos gêneros textuais deve estar sempre relacionado a um contexto, onde se parta da leitura dos textos orais e escritos – que são materialização do gênero – em sua situação real, para posterior produção dos alunos, sem esquecer de preocupar-se com o *para quem* produziu esse texto e no *como e onde* será vinculado. Ao assim dar-se o ensino “os gêneros tornam-se um ponto de referência concreto para os alunos” (MARCUSCHI, 2008, p.213). Tanto que, nos PCNs (2000) para o Ensino médio consta que, uma das competências a ser desenvolvida ao longo do período é “Analisar, interpretar e aplicar os recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção”.

2.3 Gêneros textuais, escola e as novas tecnologias

Os gêneros, como atividade de comunicação social, mutáveis no tempo-história, estão submetidos a constantes transformações. Eles modificam-se à medida que a sociedade vai se transformando. O início do século XXI é marcado pelo avanço das tecnologias digitais, ascensão da internet e surgimento de novos aparelhos eletrônicos, capazes de transformar os limites das fronteiras de comunicação, transformando a sociedade numa “aldeia global” como definiu Marshall McLuhan em suas obras, ainda nos anos 60.

As novas tecnologias trazem novos modelos de interação social, e, por conseguinte, novas formas textuais, novos gêneros, por exemplo: *e-mail*, conversas instantâneas (bate-papo), *e-books*, *slideshow*, etc. Nesse contexto de emergências tecnológicas Marcuschi (2008, p.198) ressalta que “vale indagar-se se a escola deverá amanhã se ocupar de como se produz um *e-mail* e outros gêneros do discurso do mundo virtual ou se isso não é sua atribuição”. A preocupação é pertinente e deve ser considerada, pois, a *internet* passa ser (e o será com ainda mais força nos anos que se seguem) uma forma de interação linguística social, capaz de suportar os mais variados gêneros textuais – sejam eles escritos, orais, audiovisuais, fotográficos, etc.

Uma vez que os alunos estão em contato com esse poderoso suporte (ou outra definição que ainda será dada) que é a internet, onde os meios de comunicação difundem conteúdos em tempo real, há que ser considerado no processo ensino-aprendizagem escolar, os novos gêneros textuais advindos, tendo em vista que esta é uma nova “esfera de ação social” (BAKHTIN, 1992).

Caetano et al. (2011) no artigo Dispositivos e Práticas Jornalísticas em um Mundo sem Fronteiras ressalta a importância das mídias tradicionais nesse contexto de advento tecnológico, em que os receptores passam a ser também produtores de informação, e chama a atenção para a divulgação de materiais noticiosos falsos, os quais chama de *hoaxes*:

No caso de um acidente aéreo da companhia aérea brasileira TAM, jornais tradicionais reproduziram uma foto montada de uma pessoa em chamas em cima de uma edificação do aeroporto de Congonhas, em São Paulo. Por que esses *hoaxes* foram reproduzidos nos meios de comunicação de referência? Na corrida para divulgar a notícia em primeiro lugar, alguns requisitos básicos do jornalismo, como a apuração, foram deixados de lado (CAETANO et al. 2011, p. 76).

Isso significa que, o advento da *internet* e demais tecnologias móveis de comunicação facilitaram a difusão de informações, mas com a democratização desse espaço público, onde todos podem divulgar textos, fotos, vídeos e áudios, a filtragem daquilo que se lê deve ser

ainda maior. O leitor passou a ser um produtor, isso é fato com o advento da *internet*. Ou seja, todos somos produtores de informações.

Assim, a *internet*, como meio de interação modifica também os gêneros textuais existentes, além de criar alguns totalmente novos, mas o que Marcuschi (2002) destaca é o fato de apesar dessas mudanças, “a *internet* e os gêneros a ela ligados permanecerem baseados fundamentalmente na escrita”, apesar de ter integrado a ele a imagem e o som. Se a *internet* é essencialmente baseada na escrita, então, ocupar-se da produção textual promovidas por esta tecnologia, será sim, uma preocupação do ensino, afinal, formar um aluno que saiba escrever é um dos fundamentos na escola.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a realização desta investigação foi feita uma pesquisa quantitativa tendo sido aplicado um questionário de 15 questões de múltipla escolha (vide anexo), nas escolas de Frederico Westphalen. Foram escolhidas: Escola Estadual Técnica José Cañellas, Colégio Agrícola de Frederico Westphalen e Escola Estadual de Educação Básica Sepé Tiaraju. Ao todo foram aplicados 45 questionários aos professores que ministram aulas no ensino médio, nas variadas disciplinas da grade curricular.

As três escolas foram selecionadas por estarem situadas no município de Frederico Westphalen e serem escolas públicas, além de terem o maior número de alunos, conseqüentemente, maior quadro docente. Outro fator levado em conta para a escolha dessas escolas, deve-se ao fato de possuírem ensino médio, o que é essencial para a realização deste estudo, uma vez que a intenção foi verificar a utilização dos gêneros jornalísticos em sala de aula, em virtude da prova do ENEM contemplar questões da atualidade e/ou da conjuntura sociopolítica atual.

De acordo com dados do censo do IBGE 2009, Frederico Westphalen possuía nessa data 61 docentes trabalhando no ensino médio em escola pública estadual (Escola Estadual Técnica José Cañellas e Escola Estadual de Educação Básica Sepé Tiaraju) e 14 docentes em exercício no ensino médio em escola pública federal (Colégio Agrícola de Frederico Westphalen). Desse modo, foram consultados 75 docentes os quais receberam o instrumento de consulta. Desses 75 docentes, 45 o entregaram, o que corresponde a 60% da amostra.

Os dados resultantes da aplicação do questionário foram tabulados a fim de serem analisados qualitativamente de maneira comparativa, traçando um perfil da amostra

pesquisada, procedimento indicado na obra *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*, conforme explica Gil (2007).

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A escola é a instituição social voltada para a educação. É na escola que as crianças crescem, desenvolvendo suas habilidades motoras e intelectuais, sob orientação de profissionais que tem a função de apresentar aos indivíduos situações concretas de aprendizagem. Hoje, em virtude das mudanças sociais em torno da constituição familiar e educação moral proveniente da mesma, a escola, mais do que um espaço para desenvolvimento intelectual, é um espaço para o aprendizado de valores éticos e morais, espaço para formação do indivíduo social, participante e atuante na sociedade. A escola é responsável por instruir o indivíduo quanto a posturas sociais e relacionamento com os demais. Se antes a escola foi um espaço de conhecimentos científicos, definidos nos livros didáticos, pode-se dizer que hoje, ela é, além disso, principalmente um espaço social de diálogo, onde os indivíduos opinam e pensam criticamente a respeito dos eventos sociais.

É nessa perspectiva contemporânea de educação que o jornalismo se insere, enquanto mídia responsável pela difusão das realidades sociais. Os conteúdos produzidos pelo jornalismo, nos seus mais diversos gêneros e formatos apresentam-se então como obra prima para a produção de conhecimento na escola. Os textos jornalísticos, nos mais variados gêneros apresentados, servem tanto para a produção de conhecimentos críticos, ao apresentar opiniões diferentes sobre os mais variados fatos sociais, bem como para a geração de novos conhecimentos, ao divulgar novas descobertas científicas, não traduzidas ainda para livros didáticos.

Dentre o público entrevistado, a maioria concorda com a importância de utilizar materiais veiculados pelos meios de comunicação para a produção de conhecimento em sala de aula. 66% dos entrevistados consideram muito relevante a utilização dos produtos jornalísticos, 28% consideram relevante, e apenas 4% consideram de pouca relevância essa prática. Vale ressaltar que o público entrevistado constitui uma média de idade jovem: 19 professores (as) com menos de dez anos de atuação, 14 professores (as) com menos de 20 anos de atuação e apenas 7 professores (as) com mais de 21 anos de atuação em sala de aula (5 dos entrevistados não responderam esse item). É importante destacar que, o estudo das novas tecnologias, como a *internet*, e o desenvolvimento de teorias que trazem os meios de comunicação como uma ferramenta preciosa para a produção de conhecimento, são estudos

relativamente novos, de uma década atrás. Esse resultado já é reflexo de um novo conceito de educação que promove o uso dos gêneros jornalísticos e das tecnologias de informação como instrumentos didáticos.

De acordo com os resultados de utilização de material noticioso em sala de aula, seja em formato de texto impresso, fotografia, vídeo, etc., o resultado foi o seguinte: 51% dos professores (as) disseram utilizar os mesmos em sala de aula semanalmente ou mais; 24% disseram utilizar pelo menos uma vez ao mês; 13% afirmaram usar os materiais jornalísticos apenas uma vez a cada dois meses, e ainda, 6% disseram não utilizar nunca os materiais (duas pessoas não responderam). Esse número é significativo, pois mostra que pelo menos a metade dos entrevistados utiliza com frequência os gêneros jornalísticos em sala de aula. No entanto, se compararmos aos dados acima, que mostram que 94% dos professores (as) consideraram relevante ou muito relevante a utilização dos conteúdos jornalísticos, este resultado deixa de ser tão satisfatório, isso porque, tendo 94% de aprovação, o uso deveria ser mais frequente. Uma das causas que explica essa diminuição no percentual, deve-se ao fato de muitos professores acreditarem na importância do uso dos meios de comunicação, e, no entanto, não conseguirem adaptar os gêneros jornalísticos às suas disciplinas – como é o caso da matemática, a qual os professores reclamam não conseguir encontrar didáticas que insiram e/ou permitam o uso dos textos jornalísticos.

Dentre as mídias de veiculação dos gêneros jornalísticos, mais comuns ao campo de pesquisa, estão a televisão, o rádio, o jornal impresso e a *internet*. Por isso, a pesquisa levantou os dados em relação à essas mídias, para saber qual delas é mais utilizado em sala de aula pelos professores (as). A tabela abaixo mostra o resultado:

Tabela 1: Comparativo do uso dos veículos de comunicação.

Tipo de Mídia	Percentual de utilização
Internet	93,00%
Impresso	71,00%
Televisão	68,00%
Rádio	17,00%

Em primeiro lugar aparece a *internet*, utilizada por 93% dos entrevistados. Em segundo lugar está o jornal impresso, utilizado por 71% dos educadores. Na terceira colocação está a televisão, com 68% e, por fim, o rádio, representado por apenas por 17% do total. Esse resultado é a prova de que a *internet* já ultrapassou o impresso inclusive nas cidades pequenas. Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2009, divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostraram que 67,9

milhões de pessoas no Brasil com 10 ou mais anos de idade já utilizaram à *internet*. Esse valor representou um aumento de 112,9% em relação ao ano de 2005, quando a *internet* tinha 31,9 milhões de usuários.

A *internet* já é uma realidade para boa parte da população. Aqueles que não possuem acesso a *internet* em casa, o fazem na escola, na casa de amigos ou em *lan house*. Além disso, o fato de os professores estarem utilizando a *internet* demonstra que os mesmos estão acompanhando o desenvolvimento tecnológico e buscam estar em sintonia com ele. No entanto, ainda assim, sabem da importância dos outros veículos de comunicação e não deixam de usá-los, como é o caso do jornal impresso, que aparece em nossa pesquisa como a segunda mídia mais utilizada pelos professores.

Os entrevistados responderam que tipo de *sites* visitam na *internet* para obter informações, as quais utilizam como suporte didático na sala de aula. Dentre as três alternativas apresentadas, 1) *sites* noticiosos (empresas de comunicação, blogs independentes), 2) *sites* de entretenimento e 3) *sites* de relacionamento, o que recebeu maior percentual foi a alternativa número 1, *sites* noticiosos, utilizados por 93% dos entrevistados. Ou seja, todos que utilizam à internet, fazem uso de sites noticiosos. 17% deles também utilizam informações provenientes de *sites* de entretenimento. No entanto, apenas 8% (4 entrevistados) fazem uso de sites de relacionamento, como *orkut*, *facebook* e *twitter*, por exemplo. Esse é um dado esperado, já que as redes de relacionamento ainda são vistas com um certo preconceito. De modo geral, os sites de relacionamento ganharam má fama por significarem um espaço onde crianças e jovens mantêm contato com pessoas desconhecidas, muitas vezes colocando a disposição delas informações pessoais, que, inclusive colocam em risco a sua vida e de seus familiares. Esse, entre outros fatores de risco, de fato, existem ao utilizar redes de relacionamento. Todavia, essas situações são decorrentes do uso indevido desses *sites*. É importante destacar a relevância que as redes sociais vêm trazendo para o campo da comunicação, possibilitando um espaço de voz ativa para os indivíduos sociais. Grandes debates sociais, políticos, econômicos, e inclusive criminais, já tiveram início em redes sociais e posteriormente foram discutidos em grandes veículos de comunicação. Os *chats* (bate-papo online) representam um espaço de discussão social importantíssimo, e esse fator deve sim ser levado em conta. É aí que surge a necessidade de instrução do uso correto desse recurso proporcionado pela *internet*, que não deve ser apedrejado como uma ferramenta de desordem e sim apresentado como uma arma de promoção de cidadania – ao propiciar um espaço de “liberdade de expressão”.

Marcuschi no texto sobre os Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital (2002) fala sobre o surgimento dessas novas formas textuais trazidas pela *internet*, como é o caso dos *chats*, o qual surge a partir do gênero mais praticado no nosso diaadia, que é a conversação. Segundo o autor, “Criam-se novas formas de organizar e administrar os relacionamentos interpessoais nesse novo enquadre participativo” (MARCUSCHI, 2002). Desse modo, apesar de continuar sendo o gênero conversação, o enquadre muda, pois ele passa a ser de um gênero oral e realizado de forma pessoal, à um gênero essencialmente escrito e realizado de forma impessoal. Os *chats*, por exemplo, passam a ser um gênero textual essencialmente participativo, aberto aos indivíduos integrantes do *site* de relacionamento, e o mais importante realizados em tempo real. Marcuschi também lembra que:

A ideia de que a cada nova tecnologia, como lembra David Crystal (2001:2), o mundo todo se renova por completo, é uma ilusão que logo desaparece. Novidades podem até acontecer, mas com o tempo percebe-se que não era tão novo aquilo que foi tido como tal. E, particularmente suas influências não foram tão devastadoras ou tão espetaculares como se imaginava. Daí a pergunta: quanto de novo *vem por aí* com a *Internet* em relação aos gêneros textuais? (MARCUSCHI, 2002).

E, ao dizer isso, afirma que os novos gêneros emergentes não surgem “do nada”, eles apenas são uma readequação, de gêneros já existentes, ao novo meio tecnológico que passa a existir. Desse modo, assim como qualquer outro gênero, pelo uso freqüente, se tornará um gênero estável, comum pelas características que possui.

Em compensação, se a *internet*, a mídia mais recente é a mais utilizada pelos professores como fonte de gêneros jornalísticos, o rádio, o segundo mais antigo deles, é o menos utilizado pelos professores. Entre os veículos de comunicação citados na pesquisa, o rádio é utilizado por apenas 17% dos docentes – o que corresponde a 8 pessoas. Um número baixo, mas explicável. Ainda que o rádio seja um veículo de comunicação que possui diversos gêneros textuais jornalísticos, ele é sobretudo um veículo de entretenimento, mais do que outro qualquer, porque passa boa parte do tempo exibindo músicas. Além disso, o rádio, diferente dos demais veículos, pode ser “lido” pelo ouvinte enquanto o mesmo desempenha diversas outras atividades, o que não acontece com os demais. O rádio não exige atenção exclusiva, mas os outros sim. Essa pouca atenção necessária para ouvir rádio, atribui a ele mais qualidades de entretenimento do que noticiosas.

Além disso, é importante fazer uma observação. O rádio apresenta gêneros textuais orais, como bem colocado por Marcuschi (s.d.):

Mas há alguns gêneros que só são recebidos na forma oral apesar de terem sido produzidos originalmente na forma escrita, como o caso das notícias de televisão ou rádio. Nós ouvimos aquelas notícias, mas elas foram escritas e são lidas (oralizadas) pelo apresentador ou locutor.

A escola ainda está se integrando as tecnologias. A realidade ainda é o “papel” e o “texto escrito”. No entanto, os gêneros orais também são fundamentais e deveriam ser melhor explorados, e, nesse caso, o rádio serve como uma importante fonte de conteúdos a ser explorado.

Ainda comparando o uso dos quatro principais veículos de informação, encontramos o jornal impresso em segunda colocação, utilizado para produção de conhecimento em sala de aula por 71% dos entrevistados. Esse dado revela uma nova tendência (como já dito acima) que é a superação da *internet* sobre os veículos impressos. Pressupunha-se que os veículos impressos seriam os mais utilizados pelos professores em virtude do fácil acesso ao mesmo, além do fato de ser um material “pálpavel”, o que garante maiores possibilidades para desenvolvimento de atividades didáticas (uma vez que a escola tem o material escrito como principal ferramenta). Porém, mesmo tendo sido ultrapassado pela *internet*, o impresso continua sendo de grande importância para a educação, servindo como referência didática para a maioria dos professores.

Até agora apresentamos apenas resultados a respeito dos veículos de comunicação utilizados pelos entrevistados, sendo que, estes se propõem a quantificar o uso dos gêneros textuais jornalísticos na amostra escolhida. No entanto antes de apresentar os resultados encontrados quanto aos gêneros mais utilizados, faz-se necessário explicar que entendemos como significativo verificar não apenas os gêneros utilizados, mas também os veículos em que os mesmo são buscados. Isso porque, assim como definido por Seixas (2009), os domínios devem ser determinantes para definir os gêneros. Por assim entender, uma entrevista seria, por exemplo, um gênero, mas com variações dependendo do veículo em que for apresentada, e assim acontece com todos outros gêneros textuais. Vale ressaltar que, não nos propomos aqui a comparar os diversos gêneros nos diferentes veículos de comunicação – por exemplo, comparar uma reportagem na televisão e no impresso. Foi intuito desta pesquisa quantificar o uso dos diversos gêneros textuais – entendendo-os pela sua definição mais ampla – bem como a utilização dos diferentes veículos de comunicação.

O quadro abaixo mostra os resultados a respeito dos gêneros textuais jornalísticos mais utilizados pelos professores de ensino médio nas três escolas abrangidas pela amostra. O questionário disponibilizou oito gêneros textuais jornalísticos mais comuns:

Tabela 2: Comparativo do gêneros textuais jornalísticos utilizados.

Gênero textual jornalístico	Percentual de utilização
Notícia	73%
Reportagem	68%
Artigo	40%
Charge	31%
Crônica	28%
Editorial	28%
Entrevista	26%
Debate	22%

Os resultados mostram que o gênero textual jornalístico mais utilizado em sala de aula é a notícia (73%), seguida do gênero reportagem (68%). Ambos os gêneros tratam de gêneros jornalísticos voltados especificamente para a divulgação de informações a respeito de fatos recorrentes na sociedade, fatos de interesse público. A notícia aborda os fatos de maneira mais sucinta, sendo um texto curto e prático, enquanto a reportagem aborda os mesmos fatos, mas de maneira mais ampla, inserindo mais fontes (depoimentos), e por isso, torna-se mais longa e complexa. Todavia, ambos os gêneros têm características em comum, e, possivelmente são os mais utilizados pelos professores por representarem os formatos jornalísticos que retratam a realidade social utilizando-se de um tipo textual acessível, que é a narração, tipo de texto trabalhado na escola desde o ensino fundamental. Além disso, as notícias e reportagens existem também em maior abundância nos veículos de comunicação, até porque são gêneros que nasceram com o jornalismo.

A terceira, quarta e quinta colocação na comparação do uso dos gêneros textuais, aparecem respectivamente o artigo (40%), a charge (31%), e empatados a crônica (28%) e o editorial (28%). Os quatro gêneros apresentam em comum a característica de serem opinativos. O único entre os quatro gêneros que ainda se distancia um pouco é o artigo, que em muitos veículos de comunicação é escrito por um especialista que aborda assuntos da sua área de formação – artigos médicos, por exemplo – os quais são importantes fontes de divulgação de pesquisas científicas e aprimoramentos tecnológicos.

No livro “A prática de linguagem em sala de aula”, organizado pela autora Roxane Rojo, consta um artigo da autora Rodrigues (2005) sobre “O artigo jornalístico e o ensino da produção escrita”, no qual a mesma faz considerações sobre a importância do estudo e prática deste gênero textual jornalístico:

O artigo é um dos gêneros através dos quais, institucionalmente, o leitor pode se colocar na posição de autor. Levar a público, quer no jornal da escola, do bairro, do sindicato, de circulação mais ampla, é tornar-se interlocutor, não espectador, dos acontecimentos sociais. O domínio da produção deste gênero pode se constituir como um dos instrumentos para o “exercício efetivo da cidadania” (PCNs, 1998), para a participação na esfera jornalística, principalmente para as classes populares, que passam a margem dos discursos nessa instituição (RODRIGUES, 2005, p. 219).

Os gêneros textuais jornalísticos artigo, charge, crônica e editorial, agrupam-se deste modo como formatos textuais que apresentam características dissertativas/argumentativas. Eles abordam assuntos da realidade (sejam econômicos, políticos, religiosos, etc) de forma crítica, isto é, com a opinião explícita daquele que escreve. E, apesar de ser um gênero pertencente ao jornalismo, assim como citado por Rodrigues (2005, 215), deve ser explorado em sala de aula, por se tratar de um texto reflexivo que promove a participação crítica social dos alunos.

A produção de textos argumentativos, inclusive, apareceu como a segunda principal atividade realizada em cima de materiais jornalísticos levados para a sala de aula. Dentre as oito alternativas apresentadas, o resultado foi o seguinte: debate 80%; produção de texto argumentativo 53%; questões a respeito do assunto 46%; produção de texto narrativo 22%; produção de crônica 20%; paródia 6%; e teatro 4%. As três principais atividades que aparecem em destaque (debate, texto argumentativo e questões) são atividades reflexivas – a primeira pertencente ao gênero oral e as outras duas ao gênero escrito – e representam mais um dado favorável a concepção de construção de pensamento crítico a partir de materiais jornalísticos. Isso mostra que o público alvo da pesquisa reflete em sala de aula os assuntos abordados pela mídia, o que é fundamental, como já justificado na pesquisa, por exemplo, em virtude da utilização de assuntos da realidade, na prova do Enem,

Por entender que os gêneros textuais jornalísticos, nos diversos veículos de comunicação em que se apresentam e pelas diferentes temáticas que abordam, são textos promotores de conhecimento e reflexão crítica, os professores tiveram que avaliar na pesquisa a formação, na escola em que atuam, quanto a preparação do aluno para a “leitura de mundo” (interpretação dos eventos sociais e informações a cerca deles – disseminados em maior escala pelo jornalismo). A tabela abaixo mostra os resultados.

Tabela 3: Avaliação da formação quanto a “leitura de mundo”.

Escola	Avaliação quanto a formação				
	Insuficiente	Baixa	Suficiente	Alta	Não resp.
Escola Estadual Técnica José Cañellas	-	3	7		2
Colégio Agrícola de Frederico Westphalen	-	2	9	2	-
Escola Estadual de Educação Básica Sepé Tiaraju	-	9	10	1	-
Total	0	14	26	6	2

A maioria dos professores entrevistados (26) considerou suficiente a formação dos alunos, em sua escola, para a “leitura de mundo”, e ainda 14 deles consideraram o nível de formação baixo. Se compararmos estes resultado aos dados mostrados no início desta avaliação que revelaram que 94% dos entrevistados consideram relevante ou muito relevante o uso dos textos jornalísticos e que pelo menos a metade deles (51%) utiliza os mesmos semanalmente ou mais em sala de aula, nos deparamos com uma avaliação pouco expressiva. Isso significa que, apesar de os professores estarem cientes da importância dos gêneros jornalísticos, e pelo menos a metade deles utilizarem com frequência, os mesmos acreditam que a formação quanto a “leitura de mundo” deveria ser maior.

Questionamos na pesquisa se os professores acreditavam que existiria espaço na grade curricular para um disciplina voltada especificamente para a interpretação das mídias, onde se trabalhassem especificamente os gêneros textuais jornalísticos. A maioria, 37% dos professores afirmaram acreditar que existe espaço na grade, mas que não seria fácil inserí-la. 31% responderam haver espaço para a criação de tal disciplina e que seria fácil inserí-la. 20% disseram não haver espaço para esta disciplina na grade curricular, até porque seria difícil de inserí-la. 4% disseram não haver espaço, mas que seria fácil de inserí-la e apenas 2% não responderam a pergunta. Esse resultado mostra mais uma vez (assim como no uso da *internet*) que os professores estão abertos para a inserção dos gêneros jornalísticos, bem como a inserção das novas tecnologias no espaço escolar, pois estão cientes da sua importância para a formação dos alunos.

Esse posicionamento, demonstrado pelos professores, pode ser justificado por outro resultado da pesquisa. Como podemos observar, 17 dos professores consideram altíssimo o nível de influência dos meios de comunicação (não somente o jornalismo) sobre a formação intelectual e moral das gerações atuais, 14 consideram alto o nível, 7 médio, 6 baixo e 1 disse não haver influência. Ou seja, 31 professores (68% dos entrevistados) consideram de alto a

altíssimo o nível de influência dos meios de comunicação, e, por assim entenderem, acreditam que existe a necessidade de a escola preparar os alunos para o contato com os meios de comunicação. Acreditam na necessidade de trabalhar textos jornalísticos (leitura e produção) para melhor formar o aluno para a “leitura de mundo” e participação social.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desta pesquisa mostram que as cidades pequenas e interioranas, como Frederico Westphalen, acompanham as tendências no campo da comunicação/educação. Os meios de comunicação, com destaque para a produção jornalística, vêm ganhando espaço nas salas de aula e vêm sendo cada vez mais utilizados como suporte para pesquisa e atualização de conhecimentos, por ser fonte disseminadora de novos conhecimentos científicos, além de meio de informações sobre a realidade social.

A mídia exerce uma influência fundamental sobre a nossa visão de mundo e nossas formações discursivas e ideológicas. E, os dados da pesquisa revelam que é consenso entre a maioria dos entrevistados, a consideração quanto a essa importância que a mídia exerce no cotidiano das pessoas. Isso justifica o fato de haver professores que procuram utilizar os gêneros jornalísticos em suas disciplinas, pois, há o entendimento de que é necessário educar os alunos que os multimeios são importante fonte de informação, não apenas lúdica, mas também científica. É nesse sentido, que as fontes multimidiáticas ajudam aos professores a atualizarem os conteúdos já cristalizados dos livros didáticos.

Enfatizamos que a pesquisa trouxe dados novos e significativos, como os números que mostram que os professores já utilizam como mais frequência a *internet* como veículo para a busca de gêneros jornalísticos, ultrapassando o material impresso, que sempre foi o mais acessado pelos educadores em virtude do fácil acesso e possibilidades didáticas. A presença da *internet* mostra, de maneira local, a tendência mundial da inserção dos indivíduos sociais na rede (*web*) e a utilização desta como uma ferramenta de relacionamento social, busca de informações e participação ativa na sociedade. Todavia, apesar dos textos de *internet* ocuparem o topo, em comparação com os demais veículos (rádio, Tv, impresso), via de regra, sabe-se que muitas vezes estes textos não são apresentados aos alunos de forma direta ao suporte (computador). Entende-se que a *internet* sendo um meio atrativo extraordinário, sobre adolescentes e jovens, mais e mais deve ser explorado pelos professores como forma de dinamização e motivação para a busca não apenas de informações, mas também para a

construção efetiva do conhecimento. Nesse sentido, a formação digital torna-se um fator essencial no campo da educação.

Os dados quantitativos, levantados nesta pesquisa, apontam uma tendência ou um perfil da utilização dos veículos de comunicação e da utilização dos gêneros textuais jornalísticos no Ensino Médio das Escolas públicas de Frederico Westphalen. Estes dados possibilitam as próprias instituições e secretarias de educação a avaliarem o seu processo educativo, bem como propor novas ações pedagógicas relacionadas à leitura e produção de textos jornalísticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Os gêneros do discurso. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1981.

BAZERMAN, C.; A. P. DIONÍSIO; J. C. HOFFNAGEL. (Orgs.). **Gêneros Textuais, Tipificação e Interação**. São Paulo: Cortez, 2005.

CAETANO, K; BARBOSA, M; QUADROS, C. **Dispositivos e Práticas Jornalísticas em um Mundo sem Fronteiras**. In: QUADROS, C; CAETANO, K; LARANJEIRA, A. (Orgs.) **Jornalismo e convergência: ensino e práticas profissionais**. Covilhã: LabCom Books, 2011. Disponível em: www.livroslabcom.ubi.pt. Acesso em: 10 de maio de 2011.

FISCHER, A. Livros didáticos de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental: construindo relações entre professores e gêneros discursivos. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 24, n. 2, p. 505-532, jul./dez. 2006.

GIL, A. C.. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. **Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital**. Texto da Conferência pronunciada na 50ª Reunião do GEL – Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo, USP, São Paulo, 23-25 de maio de 2002.

_____. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: "*Gêneros Textuais: Constituição e Práticas Sociodiscursivas*". São Paulo: Cortez, (S.d.).

RODRIGUES, R. H. **A prática de linguagem em sala de aula**. In: ROJO, R. (org). **A prática de linguagem em sala de aula**. Praticando os PCNs. São Paulo: Mercado de Letras, 2005. Disponível em: www.books.google.com.br. Acesso em: 30 de abril de 2011.

SEIXAS, L. **Redefinindo os gêneros jornalísticos**. Proposta de novos critérios de classificação. Covilhã: LabCom Books, 2009. Disponível em: www.livroslabcom.ubi.pt. Acesso em: 05 de maio de 2011.

THOMPSON, J. B. **A Mídia e a modernidade**. Uma teoria social da mídia. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

TRAVAGLIA, L. C. **A caracterização de categorias de texto: tipos, gêneros e espécies**. São Paulo: Alfa, 2007.

APÊNDICE A – Questionário de pesquisa

Questionário de pesquisa: Trabalho de Conclusão de Curso – TCC1

Autora: Daniela Cristina Peiter Tondolo

Orientador: Elias José Mengarda

Olá, meu nome é Daniela, estou no 7º semestre do curso de Comunicação Social – Hab. Jornalismo, na Universidade Federal de Santa Maria, campus CESNORS, Frederico Westphalen. Este questionário servirá de base para estudo e avaliação da presença dos meios de comunicação em sala de aula (ensino médio) na cidade. Com esses dados será elaborado meu Trabalho de Conclusão de Curso. Essa pesquisa servirá também de apoio para novos projetos de extensão na universidade, além de base de dados para o ensino no município. A sua colaboração é essencial. Obrigada.

Masculino () Feminino ()

Idade: _____ Tempo de atuação: _____

Formação: _____ Ano da formação: _____

Disciplina(s) que ministra: _____

Escola(s): _____

Séries: _____

1. Você considera importante utilizar materiais produzidos por meios de comunicação (televisão, jornal impresso, revista, etc) para produzir conhecimento em sala de aula?

() desnecessário () pouco relevante () relevante () muito relevante

2. Você utiliza notícias (vídeos, fotos, textos, etc) na sala de aula? Com que frequência?

() não uso () 1 vez a cada dois meses () 1 vez por mês () outro qual? _____

3. Qual dos meios de comunicação você considera mais fácil de trazer para a sala de aula?

() televisão () rádio () revista () jornal impresso () internet

4. Você utiliza jornais impressos? () sim () não

Quais veículos?

() Alto Uruguai () Folha do Noroeste () Frederiquense () Zero Hora

() Correio do Povo () outro

Qual? _____

5. Você utiliza material televisivo? () sim () não

Quais atrações?

() novela () jornal () seriado () desenho () auditório () outro

Quais? _____

6. Você utiliza material radiofônico? () sim () não

Quais emissoras?

() Luz e Alegria () Comunitária () Guaíba () Gaúcha () outra

qual? _____

7. Você utiliza internet? () sim () não

Caso utilize, quais tipos de site?

() Informação - sites noticiosos, blogs

() entretenimento () redes de relacionamento – orkut, msn

8. Caso utilize vídeo ou áudio, como capta esse material?

() gravação em casa – utilizando gravadores como celular, mp3, câmera digital, dvd, etc

() locadora () download internet () outro

Qual? _____

9. Caso utilize áudios e vídeos, como transmite aos alunos?

- () com aparelho DVD e/ou rádio da escola () com aparelho DVD e/ou rádio próprio
 () computador com internet da escola () computador (notebook) com internet próprio
 () outro
 Qual?

10. Quais os assuntos trazidos pelos meios de comunicação, que você aborda (trazendo o material original do veículo)?

- () ciência () política () cultura () História () geografia () economia () outro

11. Quais os gêneros textuais jornalísticos que você mais utiliza em sala de aula? (pode marcar mais de uma)

- () crônica () artigo de opinião () reportagem () notícia () editorial
 () charge () entrevista () debate

12. Que tipos de atividades você realiza com o material trazido dos meios de comunicação?

[pode marcar mais do que uma resposta]

- () debate sobre o assunto () elaboração de texto argumentativo () questões sobre
 () paródia () teatro () crônica () texto narrativo () outro
 qual(is)?

13. Como você avalia a formação na sua escola no que diz respeito a preparação para a “leitura de mundo” e contato com as informações que circulam na sociedade?

- () insuficiente () baixa () suficiente () alta

14. Você acha que teria espaço na grade curricular para uma disciplina de “interpretação das mídias”?

- () sim, e seria fácil inseri-la () não, até porque não seria fácil inseri-la
 () sim, mas não seria fácil inseri-la () não, mas seria fácil inseri-la

15. Avalie o nível de influência dos meios de comunicação sobre a formação intelectual e moral das gerações atuais.

- () não há () baixo () médio () alto () altíssima